



FENPROF – FEDERAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES

Sua Referência:

Nossa Referência: FP-212/2020

Data: 26/10/2020

Exmo. Senhor Presidente da
Comissão de Educação, Ciência, Juventude e Desporto
Dr. Firmino Marques
Assembleia da República
Palácio de São Bento
1249-068 Lisboa

Assunto: **Petição n.º 127/XIV/1.ª – envio de informação solicitada**

Senhor Presidente,

O texto da Petição em análise revela uma grande e legítima preocupação da sua promotora e demais subscritores relativamente à situação nas escolas, nesta fase tão acentuada da pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2. Uma preocupação que aborda diversas vertentes, desde logo a de saúde pública, mas também a educativa, a económica, a social ou a familiar. As preocupações manifestadas nesta petição assentam nos problemas de saúde, em parte ainda não completamente conhecidos, provocados pela doença Covid-19 e na reconhecida falta de condições existentes na maioria das escolas para evitar ou reduzir ao mínimo a possibilidade de contágio.

Desde que se conheceram as orientações do Ministério da Educação para as escolas, em 3 de julho, p.p., que a FENPROF alerta para a insuficiência das medidas definidas no plano da segurança sanitária. Como é possível, nas escolas, admitir que o distanciamento entre alunos será de um metro, se possível? Como é possível manter grupos de vinte e cinco ou trinta alunos em espaço fechado, sentados em mesas dois a dois? Que segurança existe quando, em determinadas disciplinas, se juntam alunos de diversas turmas que era suposto permanecerem na sua “bolha” que é a turma? Como pode o ME ter imposto que nas aulas de Informática, em salas organizadas para grupos reduzidos de alunos (mais ou menos meia turma), esteja, agora toda a turma em simultâneo? Como poderá ser garantida a limpeza e desinfeção profundas entre cada utilização de espaços da escola (salas de aula, laboratórios, instalações desportivas, bibliotecas, salas TIC, refeitórios, bar, instalações sanitárias, corredores e outros) se a carência de assistentes operacionais é enorme, como é referido pelas direções em inquérito promovido pela FENPROF (92% dos AE/ENA têm falta de assistentes operacionais e, em 20% deles, a carência é de dez ou mais trabalhadores)? Será normal que uma limpeza que, em maio passado, levou os militares a dar formação aos assistentes operacionais seja feita, com os níveis de exigência necessários, pelos alunos e professores quando terminam as suas atividades?

Se aquelas eram questões que se colocavam antes da abertura das aulas, elas ganham agora ainda maior importância. Isso, contudo, não leva ME e DGS a disponibilizarem-se para o diálogo. Isto, apesar de a segurança e saúde no trabalho constituir matéria que a lei identifica (artigo 351.º da Lei n.º 35/2014 – LTFP) como sendo de negociação obrigatória. Não houve qualquer tipo de negociação, o que significa que o bloqueio negocial imposto pelo Ministério ainda antes de terminar a anterior Legislatura, se mantém na atual, estendendo-se, também, a este domínio. Lembremos que a

FENPROF tem tentado reunir com responsáveis da Direção-geral da Saúde e do Ministério da Educação, não só para apresentar as suas preocupações, mas também propostas para uma melhor organização do ano letivo e melhores condições de segurança sanitária, desde março deste ano.

Sem surpresa, não tardaram a surgir casos de infeção nas escolas, tanto em alunos, como professores e trabalhadores não docentes. Um número que, como a FENPROF tem vindo a assinalar, não para de crescer, quadruplicando em apenas duas semanas, passando de 121 em 8 de outubro para mais de 500 no dia 23. Que a Covid-19 entraria nas escolas e tenderia a agravar-se com o decorrer do tempo era algo que se esperava, bastando que, para tal, o mesmo acontecesse na comunidade. O problema, porém, está no facto de as escolas, por muito esforço que façam – como têm feito –, não conseguirem fazer mais do que aquilo que a tutela autoriza. Não podem reduzir o número de alunos por turma para garantir o distanciamento, não podem contratar trabalhadores para as tarefas de limpeza e segurança no espaço escolar, não podem contratar mais docentes que, aliás, como se sabe, já escasseiam em algumas regiões e/ou disciplinas.

A tudo o que até aqui se refere, acresce o facto de, em muitos casos, o silêncio sobre os casos existentes e as medidas tomadas perante os mesmos serem encobertos, sabendo todos que o encobrimento leva ao diz-que-disse. Neste ambiente, criam-se condições propícias à desconfiança e ao alarmismo.

Se, na maior parte dos casos, se vai sabendo, caso a caso, o que acontece, vai faltando um mapa global do problema que permita conhecer qual a real dimensão da infeção nas escolas de todo o país, quais as regiões mais afetadas e qual o protocolo, se é que existe, perante as situações detetadas. É que, o que se constata, perante as informações que circulam, é que, para situações semelhantes, há decisões absolutamente distintas. Há salas em que surge um caso e toda a turma entra em período de quarentena; escolas com diversos casos, por vezes na mesma turma, em que só os infetados ficam em casa; professores de turma, no 1.º Ciclo, que ficam em quarentena com a turma, mas os docentes da Educação Especial ou de Inglês mantêm-se, sem realizar qualquer teste, a exercer atividade em outras turmas e escolas, por elas circulando; professores que são mandados para casa pela autoridade de saúde local, mas chamados pela escola no dia seguinte; professores a quem a linha Saúde24 recomenda que fiquem em casa, mas são informados, pela autoridade de saúde local, que terão de se manter em atividade presencial; na esmagadora maioria dos casos, mesmo quem partilha espaços com pessoas infetadas (alunos ou professores), mantêm-se a atividade presencial sem que se realize qualquer teste, um procedimento que contrasta com o que se passa em áreas como a saúde, os lares e centros de dia, as empresas, o desporto, a política, entre outras.

A FENPROF requereu ao Ministério da Educação que disponibilizasse uma lista em que constassem as escolas onde existem casos de Covid-19, o número e os procedimentos adotados, mas, apesar de essa informação ser um direito legalmente consagrado, até hoje, não recebeu qualquer informação ou resposta dos responsáveis daquele ministério. Estranha-se a desvalorização que tem sido feita por responsáveis políticos do país, designadamente governantes, relativamente à Covid-19 nas escolas, quando se têm ouvido os especialistas clínicos e cientistas afirmar que o aumento de casos em Portugal decorre de diversos fatores, entre eles a abertura das escolas. Estarão enganados os especialistas e certos os políticos que consideram residual e pouco importante o que se passa nas escolas? Será que o número oficial de casos nas escolas é mesmo correto ou decorre do facto de ser omitida a grande maioria dos casos verificados e só excecionalmente se realizarem testes quando surgem infeções? Uma coisa pode garantir a FENPROF: o número de surtos nas escolas – tendo por conceito de “surto” o que a DGS estabelece no documento “Referencial para escolas | 2020” – é várias vezes superior ao que a Direção-Geral da Saúde divulgou, bem como o número de pessoas

infetadas, ainda que os dados que a FENPROF, após confirmação, divulgou, fiquem muito aquém dos dados reais, cujo acesso só o Ministério da Educação e aquela direção geral terão.

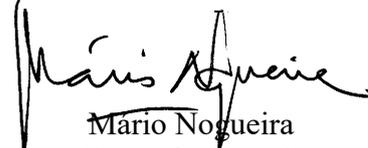
A FENPROF é defensora do ensino presencial, até porque, como é sabido, o ensino a distância – tão elogiado por alguns que o chegaram a aclamar como o admirável mundo novo da Educação – levou ao agravamento de velhos problemas e ao surgimento de novos, com destaque para o agravamento das desigualdades ou o extremo cansaço de professores, alunos e famílias que não viram o enorme esforço que realizaram a ser correspondido ao nível das aprendizagens. Portanto, não restam quaisquer dúvidas que, por razões de natureza educacional, mas não só, a opção pelo ensino presencial é inquestionável e tudo deverá ser feito para que essa modalidade se mantenha. Deste modo, para que seja uma realidade e todos se sintam confiantes e em segurança, é necessário acabar com o secretismo, havendo transparência na informação, e sejam tomadas medidas que não têm sido tomadas, entre elas (insistimos), a generalização dos testes, em particular quando há casos de infeção, a garantia de distanciamento, um grande reforço de assistentes operacionais (a carência existente não é solucionada com a colocação de cerca de dois, em média, por AE/ENA, como foi anunciado), também o reforço do número de docentes, por via da sua contratação, a possibilidade de docentes de grupos de risco poderem exercer a sua atividade em teletrabalho, designadamente no apoio, também, aos alunos de grupos de risco, e o reforço de recursos nas escolas para evitar o *sobretabalho* de professores que têm parte dos alunos da(s) sua(s) turma(s) em regime presencial e outra parte a distância.

Estas são as preocupações e as posições que a FENPROF tem vindo a divulgar. Compreendendo as razões que levaram a promotora da petição a avançar com a mesma e a recolher, certamente em pouco tempo, as mais de quatro mil assinaturas exigidas, para a FENPROF a prioridade deverá ser dada à criação das condições necessárias para um ensino presencial com baixo risco, bem como das condições para que os que se encontram em casa (doentes, de quarentena, de grupo de risco...) vejam também respeitado o seu direito à educação e ao ensino, sem que daí resulte a sobrecarga dos profissionais.

Teme a FENPROF que a forma como o Ministério da Educação tem vindo a lidar com o problema e o já referido clima de silenciamento que existe evitem que mais alguns alunos e professores tenham de ficar em isolamento ou quarentena, sendo, no entanto, a causa de, em breve, um maior número de alunos e profissionais deixarem de poder comparecer nas escolas e várias escolas se vejam obrigadas, parcial ou totalmente, a recorrer a ensino remoto. Tudo isto a par do risco acrescido que a ausência de medidas adequadas representa para as famílias de quantos integram a comunidade escolar.

Com os melhores cumprimentos,

Pel'O Secretariado Nacional



Mário Nogueira
(Secretário-geral)